

POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A ANTROPOLOGIA LÉVI-STRAUSSIANA E A LINGUÍSTICA ESTRUTURALISTA

Shelton Lima de Souza¹

Introdução

Tendo como base o conceito de estrutura desenvolvido pela corrente estruturalista fundada na Linguística, a Antropologia estruturalista intensifica, no séc. XX, influenciada por outros momentos do pensamento antropológico, uma busca pelos elementos universais que regeriam as culturas. Com essa visão universalista que, de maneira radical, se diferencia – embora receba forte influência – das pesquisas antropológicas dos séculos anteriores, cuja análise de grupos étnicos em ambientes circunscritos estava em alta, inicia-se o desenvolvimento de novos modelos teóricos que se diferenciavam das propostas particularistas até então produzidas na área.

O Estruturalismo lévi-straussiano surge em um contexto histórico de formação de um campo de estudo na Antropologia que alia elementos advindos da Linguística estrutural e uma rígida ruptura da compreensão histórica. Lévi-Strauss levará para a Antropologia os pressupostos estruturalistas e, conseqüentemente, desenvolverá uma proposta teórico-metodológica capaz de refletir o que seria o nível subjacente das culturas, proporcionando a criação de modelos universais de análise.

É neste contexto histórico-social de formação de um novo campo de estudo na Antropologia que se insere este trabalho. Assim, realizamos uma reflexão da seção **Linguagem e Parentesco** do livro Antropologia Estrutural de Claude Lévi-Strauss. A seção é subdividida nos seguintes capítulos: II. **A análise estrutural em Linguística e Antropologia**; III. **Linguagem e sociedade**; IV. **Linguística e Antropologia** e o capítulo V que é o **posfácio aos capítulos III e IV**. Essa seção, por meio de seus capítulos, faz

¹ Professor de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal do Acre/UFAC (Centro de Educação, Letras e Artes/CELA). Doutorando em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. E-mail: shelton.linguista@gmail.com

menção direta à influência da Linguística sobre o pensamento lévi-straussiano, o que justifica a escolha desses capítulos para serem analisados neste trabalho.

Alguns apontamentos sobre a relação entre linguagem e parentesco

Ao longo da leitura do livro *Antropologia Estrutural*, percebemos que é recorrente nos capítulos citados na introdução deste texto a preocupação de Lévi-Strauss em se refletir sobre a relação linguagem² x cultura. O estudo de Lévi-Strauss deve ser discutido a partir de diversos olhares. Não seria possível pensar a inter-relação entre linguagem e cultura, apenas, via uma única área do conhecimento. Neste sentido, Lévi-Strauss, por considerar a Antropologia uma ciência essencialmente interdisciplinar, assinalou os estudos de parentesco como uma zona importante para se pensar a relação entre a linguagem e cultura, sobretudo, porque as relações de parentesco unem características linguísticas e culturais importantes: um sistema terminológico, ou seja, um vocabulário com termos que nomeiam os participantes das relações de parentesco – logo, esse vocabulário é um fenômeno linguístico – e um sistema de atitudes que dará funções específicas aos indivíduos que possuem algum tipo de relação social – dessa forma, um fenômeno cultural.

Essa preocupação de Lévi-Strauss em refletir sobre sistemas de terminologia de parentesco e sistema de atitudes não é nova na Antropologia; Morgan (1970) tomava os vocabulários de parentesco como vias legítimas de acesso às instituições sociais e às condutas dos indivíduos nos diferentes estágios de evolução da humanidade. Esta questão foi retomada, várias vezes, na primeira metade do século XX, enquanto a antropologia assistia ao seu período de consolidação. Assim, por exemplo, Kroeber (1909) acreditava que as terminologias não apresentavam qualquer conteúdo sociológico mais relevante já que os fenômenos da linguagem remetiam à psicologia e, só indiretamente, à esfera social. Rivers (1991), ao contrário, afirmava que os vocabulários de parentesco correspondiam a correlatos linguísticos obrigatórios de práticas sociais existentes ou recentemente desaparecidas. Pouco depois, Malinowski

² Nos estudos linguísticos, linguagem e língua são, teoricamente e metodologicamente, conceituadas de maneira distinta. Esta diferença se dá, na Linguística moderna, com a famosa dicotomia saussureana “*langue* x *parole*”. As pesquisas saussureanas foram seminais para os postulados estruturalistas na Linguística e, provavelmente, foram importantes para o pensamento lévi-straussiano. Para Ferdinand de Saussure, a *langage*, por abarcar um conjunto de elementos que produzem comunicação – que vai de sistemas de comunicação linguísticos e não linguísticos – não seria objeto de estudo do linguista. Por sua vez, o gerativismo chomskyano compreende a linguagem como o principal objeto de investigação da Linguística moderna. Vemos, portanto, que a discussão em torno dos termos linguagem e língua não é pacífica e, como em qualquer área científica, está atrelada a perspectivas teóricas fundamentais para o desenvolvimento da área.

(1930) argumentou que os vocabulários de parentesco não passavam de meros rótulos para as relações sociais, cujo estudo parecia ter sido desumanizado por uma pseudo-álgebra, não dando ao vocabulário, portanto, qualquer atenção maior. Desse modo, veremos, ao analisar a proposta estruturalista de Lévi-Strauss, que essa postura de Malinowski, como um dos precursores do funcionalismo na antropologia, é diferente do que preconiza a antropologia estruturalista. Malinowski considera que, na pesquisa de campo, o pesquisador tem de observar o que é dito, para quem é dito, em que momento é dito. Sendo assim, o autor leva em consideração todo o contexto de produção narrativa. Malinowski entende que o mito é um ato de fala (palavra falada). Assim, o mito é uma tradução e mediador da experiência humana. As religiões, por exemplo, usam o mito para explicar aos fiéis a razão de algumas atitudes do cotidiano serem pecado. As narrativas míticas, para o antropólogo, é suporte para o pensamento e, portanto, existem similaridades entre os mitos de uma determinada cultura. O que promoveria, segundo Malinowski, a ruptura com a tradição mítica é o processo de “individuação”.

Ainda em relação aos sistemas de parentesco, Radcliffe-Brown (1964) defendia que os vocabulários de parentesco eram sempre um "reflexo fiel das relações jurídicas" entre os indivíduos, constituindo um meio para o estabelecimento e reconhecimento dessas relações.

A discussão dos antropólogos mencionados neste trabalho permite observar não só o interesse, mas também a temperatura deste debate prolongado, que remete à reflexão mais geral – a relação linguagem e cultura –, com implicações teóricas e metodológicas importantes para outros domínios da disciplina.

Vemos, portanto, que a reflexão sobre a relação entre sistema terminológico e sistema de atitudes é clássica na Antropologia e que Lévi-Strauss contribuiu com o debate, inicialmente com a publicação do seu artigo de 1945 – **A análise estrutural em Linguística e Antropologia**. Neste artigo, o antropólogo já demonstra a influência que recebeu dos estudos dos linguistas (fonólogos) Nikolay Troubetzkoy e Roman Jakobson. O primeiro desenvolveu o conceito de fonema no Estruturalismo europeu e o segundo foi um dos primeiros linguistas a compreender o fonema como o resultado de um conjunto de traços que se relacionam uns com os outros por meio de feixes de oposição. Esse método de análise proposto pela Linguística estruturalista será transposto para o estudo dos fenômenos culturais por Lévi-Strauss, fazendo, necessariamente, as adaptações metodológicas necessárias.

Em **A análise estrutural em Linguística (capítulo II) e Antropologia e Linguagem e Sociedade (capítulo III)**, do livro *Antropologia Estrutural*, Lévi-Strauss afirma que a Linguística, no conjunto das ciências sociais, “à qual indiscutivelmente pertence”³

³ Essa afirmação de Lévi-Strauss reflete, diretamente, o olhar do autor sobre a linguagem e sua conexão

possui um lugar privilegiado por ser, segundo o autor, a única área que conseguiu desenvolver avanços importantes em seu campo de análise. A Linguística, para o autor, teria conseguido, ao mesmo tempo, formular um método de observação que possibilitou conhecer a natureza dos fatos que se propõe analisar. Além disso, ainda segundo Lévi-Strauss, a Linguística seria o único campo de estudos que poderia reivindicar o título de ciência. Consequentemente, ela teria a obrigação de ter outras disciplinas – como a psicologia, a sociologia e a etnografia – seguindo seus passos. Para ilustrar a sua afirmação referente ao status científico da Linguística, Lévi-Strauss utiliza-se de uma citação do antropólogo Marcel Mauss: “a sociologia estaria certamente muito mais avançada se sempre tivesse procedido a exemplo dos linguistas”. Para mostrar que a Linguística influencia as ciências sociais e, também, recebe influência dos campos de estudos sociais, Lévi-Strauss afirma:

Os linguistas fornecem aos sociólogos etimologias que permitem estabelecer entre certos termos de parentesco laços que não eram imediatamente perceptíveis. Inversamente, os sociólogos podem informar os linguistas quanto a costumes, regras positivas e proibições que tornam compreensível a persistência de determinados traços da linguagem, ou a instabilidade de termos ou grupos de termos (Análise Estrutural em Linguística e Antropologia, p. 44).

Neste trecho, fica claro que, embora o autor dê à Linguística um status importante entre as ciências sociais, ele considera que essa ciência pode receber contribuições advindas da sociologia que podem melhorar o estudo da linguagem de determinados grupos étnicos. No entanto, à época que Lévi-Strauss escreveu esse texto, o autor já apontava que as duas ciências estavam andando em caminhos opostos:

com a cultura. Nas diversas áreas e subáreas que compõem os estudos linguísticos, o debate em torno da questão de se considerar a Linguística como uma ciência social não é pacífica. Linguistas vinculados ao gerativismo, corrente linguística fundada na segunda metade do século XX pelo norte-americano Noam Chomsky, propõem que a Linguística seja desvinculada das ciências sociais, por eles compreenderem que a linguagem é uma capacidade inata dos seres humanos. Desse modo, para os gerativistas, a Linguística estaria mais próxima das ciências da natureza ou, até mesmo, das ciências exatas. Diferentemente dessa postura, William Labov – no início dos anos 60 do séc. passado –, contrapondo-se à visão inatista e formalista dos gerativistas, postula que não é possível estudar a linguagem independentemente do seu uso ou, exatamente, dos fatores sociais atrelados às situações contextuais nas quais a linguagem está presente. Além disso, Labov se diferencia da tradição estruturalista saussureana e formalista chomskyana ao inserir, no campo dos estudos linguísticos, a variação linguística. Com essa proposta teórico-metodológica de análise, Labov funda a chamada Sociolinguística Variacionista.

Contudo, agindo desse modo, linguistas e sociólogos seguem independentemente seus caminhos respectivos. Embora certamente façam uma parada de tempos em tempos para comunicar uns aos outros certos resultados, tais resultados provêm de procedimentos diferentes, e nenhum esforço é feito para tentar beneficiar um dos grupos com os progressos técnicos e metodológicos logrados pelo outro (Análise Estrutural em Linguística e Antropologia, p. 44).

Lévi-Strauss está se referindo, na passagem acima, à especialização das duas áreas que dificultaram, a seu ver, o avanço das ciências.

Ainda em relação à última citação do autor, vemos que Lévi-Strauss está caracterizando a linguagem como um fenômeno social. Não é possível detectar no capítulo **A análise estrutural em Linguística e Antropologia** uma diferença clara entre linguagem e língua, o que o autor fará no capítulo IV a ser discutido posteriormente neste trabalho.

Referindo-me, especificamente, à área da Linguística que mais influenciou as ciências sociais e àquela que uniu cientistas sociais e linguistas, Lévi-Strauss explica que a Fonologia “desempenha, em relação às ciências sociais, o papel renovador que a física nuclear, por exemplo, desempenhou para com o conjunto das ciências exatas”. A Fonologia é considerada por Lévi-Strauss uma área da Linguística extremamente importante para as outras ciências sociais, porque, além de ter sido capaz de formular modelos formais de descrição linguística, mostrando o que é universal da linguagem – o que estaria no inconsciente como dizem os psicólogos freudianos – e aquilo que é comum a um determinado grupo, a Fonologia pôde dar, aos estudos relacionados à cultura, a possibilidade de ajudar a revelar e prever a organização estrutural dos componentes que compõem os sistemas de parentesco. Para explicar a importância da fonologia para os estudos de parentesco, Lévi-Strauss faz referência ao principal nome da Fonologia estruturalista⁴, N. Troubetzkoy. O antropólogo resume da seguinte maneira “o método fonológico” desenvolvido por Troubetzkoy no tocante à Fonologia:

⁴ Os principais nomes da Fonologia estruturalista europeia são os russos N. Troubetzkoy e Roman Jakobson. A ida de Jakobson para os EUA, ocasionada pela II Guerra Mundial na Europa, ajudou a criar alguns grupos de estudos linguísticos. Consequentemente, devido a sua inserção nos estudos linguísticos realizados nos EUA, Jakobson influenciou o desenvolvimento do Estruturalismo norte-americano que, em alguns aspectos, se diferenciou da produção estruturalista europeia. Tanto os estudos fonológicos de Troubetzkoy quanto os de Jakobson influenciaram a produção intelectual de Lévi-Strauss.

i. “A Fonologia passa do estudo dos fenômenos linguísticos *conscientes* para o de sua infraestrutura *inconsciente*”; de maneira geral, a Fonologia pode ser conceituada como a área da Linguística responsável por estudar a organização dos fones e fonemas nas línguas do mundo. Fonema é uma realidade psíquica (uma propriedade mental), portanto, uma abstração; o fone é a realização do fonema, ou seja, o som propriamente dito. Embora os fonólogos tenham os fones, inicialmente, como objeto de estudo, o objetivo principal de uma pesquisa fonológica é compreender a estrutura subjacente (mental) que dá base ao uso de fones em uma determinada língua. Sendo assim, os fenômenos linguísticos *conscientes*, a qual o autor se refere, seriam os fones que compõem a fala, enquanto os *inconscientes* seriam os fonemas, ou seja, os componentes da língua. Ferdinand de Saussure (1857-1913), tido como o precursor da Linguística moderna e, igualmente, do Estruturalismo europeu, considerou que os fonemas são os componentes da língua – elemento principal da “faculdade da linguagem”⁵ – enquanto os fones seriam a realização concreta dos fonemas e que, portanto, estariam no nível da fala⁶, no uso. Para Saussure, o objeto de estudo do linguista é a língua e não o seu uso. O autor afirma que não é possível fazer um estudo científico da fala, porque ela não é social, mas individual, passível de sofrer influência de sistemas não linguísticos e não possui uma estrutura organizada, sendo assistemática. Desse modo, Saussure retira dos estudos linguísticos a fala⁷.

ii. “Recusa-se a tratar os *termos* como entidades independentes, tomando como base de sua análise, ao contrário, as *relações* entre os termos”; Lévi-Strauss, ao falar em *termos*, está se referindo aos fonemas que Troubetzkoy considerava como

⁵ Em seu livro póstumo publicado em 1916, Curso de Linguística Geral, Saussure faz referência à faculdade da linguagem ao dizer que a língua “ [...] É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006 [1916], p.7), sem, contudo, tecer maiores contribuições teóricas em relação ao que seria, exatamente, a faculdade da linguagem. Na segunda metade do séc. XX, Noam Chomsky, como já mencionado neste trabalho (cf. nota 03), desenvolverá um arcabouço teórico, influenciado pelo Estruturalismo e pela filosofia cartesiana, para conceituar e descrever a estrutura da faculdade da linguagem.

⁶ Para Saussure (2006 [1913]), qualquer sistema de comunicação, seja linguístico ou não, é linguagem. Um dos principais componentes da linguagem é a língua – um sistema organizado, social, fixo, pertencente a um determinado grupo – e a fala seria a língua em uso. Portanto, para o autor, a fala é assistemática, variável e passível de sofrer influência de sistemas não linguísticos.

⁷ Ao inserir a variação linguística como objeto de estudo nos anos 60 do séc. XX, William Labov considerou a fala como objeto de pesquisa.

elementos dependentes – não se realizam sozinhos, mas em dependência – , ou seja, os fonemas são constituídos por meio de relações opostas uns com os outros. Em português, por exemplo, os fones [p] e [b]⁸ contrastam as seguintes palavras ['patɔ]⁹ 'pato' e ['batɔ] 'bato'. Logo, conclui-se que os fones [p] e [b] são, respectivamente, realizações na fala dos fonemas /p/ e /b/. A oposição entre esses fonemas ocorre da seguinte forma: o fonema /p/ [-sonoro], sem vibração das pregas vocais, e o fonema /b/ [+sonoro], com vibração das pregas vocais, se contrastam pela oposição [-sonoro]/[+sonoro]. Assim, todos os fonemas de uma língua se organizam por meio de feixes de traços distintivos. As *relações* entre os fonemas – a oposição por meio de traços distintivos –, possibilita o desenvolvimento de um sistema fonológico.

iii. “Introduz a noção de *sistema* – A fonologia atual não se limita a declarar que os fonemas são sempre membros de um sistema, ela *mostra* sistemas fonológicos concretos e evidencia sua estrutura” (Id. 1933: 243) – finalmente, ela visa a descoberta de *leis gerais*, descobertas ou por indução, “ou deduzidas logicamente, o que lhes dá um caráter absoluto” (Id. *ibid.*). Nessa citação ao trabalho de Troubetzkoy, Lévi-Strauss chama atenção para a noção de sistema, intensificando que os fonemas, além de fazerem parte de um sistema, se comportam de uma determinada maneira em uma língua por meio de uma estrutura específica. De novo nos remetendo ao português, podemos observar o caso dos fones [t] e [d] que contrastam as palavras ['nate] 'nata' e ['nade] 'nada', sendo, portanto, realizações dos fonemas /t/ e /d/, respectivamente. No entanto, nas palavras ['tʃie] 'tia' e ['dʒia] 'dia', os fones [tʃ] e [dʒ] não são fonemas distintos por serem previsíveis os seus usos: só ocorrem antes do fone [i]. Logo, [tʃ], como [t], é uma das realizações possíveis do fonema /t/ e [dʒ], como [d], é uma das realizações do fonema /d/. Vemos que certos fones podem ser influenciados por alguns segmentos vizinhos, demonstrando que as relações entre as realizações de fonemas seguem uma estrutura determinada por regras. Algumas dessas regras são comuns em todas as línguas, portanto universais, enquanto outras são específicas de cada língua. Por exemplo, todas as línguas são compostas por sílabas – um

⁸ As barras inclinadas indicam que o elemento simbolizado é um fonema. Por sua vez, o símbolo entre colchetes indica que se trata de um fone. Para o uso dos símbolos, utilizamos o International Phonetics Alphabet (IPA) ou Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

⁹ As aspas simples indicam a sílaba tônica da palavra.

componente fonológico das línguas – mas a organização (estrutura) das sílabas é específica de cada língua.

Lévi-Strauss alude a uma analogia possível entre o estudo dos fonemas e o estudo de parentesco (p. 46):

iv. “Como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação”; para Lévi-Strauss, assim como os fonemas, os termos de parentesco apresentam um significado integrados a um sistema;

v. “Os ‘sistemas de parentesco’, assim como os ‘sistemas fonológicos’, são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente”; como os sistemas fonológicos, Lévi-Strauss afirma que os sistemas de parentesco são realidades que estão no nível da inconsciência. Se a proposta do fonólogo é descrever o nível subjacente dos fones, ou seja, a realidade mental dos fones, o objetivo de um antropólogo estruturalista seria encontrar o que há de universal nas culturas. As relações de parentesco, como as relações entre os fonemas, são inconscientes aos participantes da estrutura a qual estão expostos.

vi. “[...] a recorrência, em regiões afastadas do mundo e em sociedades profundamente diferentes, de formas de parentesco, regras de casamento e atitudes igualmente prescritas entre certos tipos de parentes etc., leva a crer que, num caso como no outro, os fenômenos observáveis resultam da operação de leis gerais, mas ocultas”. Os fonemas, para os estruturalistas, estão subordinados a leis gerais de organização. O trabalho do fonólogo seria formular, organizar e descrever essas leis gerais. Dessa forma, o estudo dos sistemas de parentesco seria, para Lévi-Strauss, também passível de submissão a regras gerais de organização das relações que compõem o sistema.

Apesar dessa alusão ao método fonológico, Lévi-Strauss aponta que não é possível fazer uma transposição direta do método fonológico para o estudo de parentesco, mas que questões simples entre as duas ciências podem ser colocadas e expostas, como no caso da ideia de tio nas culturas. Segundo o antropólogo, os sociólogos observaram que a relação entre tio materno e sobrinho parecia ser objeto de considerável elaboração num grande número de sociedades “primitivas”, porém não basta constatar tal frequência, já que é preciso descobrir a razão. Lévi-Strauss cita

Rivers (1907) no que se refere à tentativa do autor de explicar a importância do tio materno no sul da Índia como um resíduo do casamento entre primos cruzados que se chegava, para Lévi-Strauss, em um resultado consternador: “o próprio autor tinha de reconhecer que a interpretação não era capaz de dar conta de todos os aspectos da questão e se contentar com a hipótese de que *vários* costumes diversos e hoje desaparecidos (dos quais o casamento de primos era apenas um) teriam de ser invocados para compreender a existência de *uma só* instituição” (p. 75).

Ao tratar do tema do avunculado, Lévi-Strauss o fez em comparação com sociedades dotadas de organizações sociais opostas em relação à filiação matrilinear ou patrilinear. Ele também utilizou quatro termos familiares estruturais que são consequências lógicas do que ele chamou de “átomo do parentesco” – uma estrutura universal de família, para ele decorrente da proibição do incesto. Esses termos são: marido/mulher, irmão/irmã, pai/filho, tio/sobrinho. Como já foi dito, o estruturalismo na Linguística, mais especificamente na Fonologia, não trata os fonemas como elementos independentes, assim como Lévi-Strauss tratou os termos de parentesco, preocupando-se em tratá-los como pertencentes a um todo que se relaciona em um sistema com regras específicas. Dessa forma, Lévi-Strauss considera que o avunculado, para ser compreendido, deve ser refletido dentro da relação sistemática existente entre os termos de parentesco.

Com sua análise, Lévi-Strauss conseguiu estabelecer correlações entre o funcionamento dos termos de parentesco e perceber que estes mesmos termos escondiam conteúdos emocionais diferentes em sociedades matrilineares ou patrilineares. O antropólogo mostrou também que termos simétricos têm conteúdo emocional diferente na mesma sociedade. Assim, se pai e filho têm uma relação amorosa, a ligação entre tio e sobrinho é, simetricamente, conflituosa. Mas, comparando-se diversas sociedades, isso nem sempre ocorre assim, acarretando um problema teórico para o Estruturalismo. O método, até certo ponto, consegue prever certas relações de parentesco. Mesmo assim, dada a importância metodológica do estabelecimento de correlações, essas são insuficientes para avançar na revelação das leis capazes de influenciar de maneira significativa o comportamento social humano, haja vista que os diversos grupos étnicos apresentam variação no tocante às relações

de parentesco. A abordagem estruturalista, embora capaz de mostrar a existência de comportamentos recorrentes, e de atribuir previsibilidade a determinadas condutas, não alcança as leis universais que estão por trás das condutas dos atores que compõem o “átomo de parentesco”.

Reiterando a explicação de Lévi-Strauss, o autor afirma que o avunculado deve ser tratado como uma relação inserida num sistema, e que o sistema deve ser considerado em seu conjunto para se perceber a sua estrutura. Essa estrutura se funda na relação já mencionada neste trabalho: marido/mulher, irmão/irmã, pai/filho, tio/sobrinho, unidos em si por pares de oposições correlativas, de tal modo que haverá uma relação positivo/negativo entre as partes envolvidas. A relação de oposições é, para o autor, a estrutura de parentesco mais simples que possa existir, sendo o “elemento de parentesco”.

Lévi-Strauss continua explicando que existe uma ordem lógica para a estrutura de parentesco: necessidade de haver três tipos de relação familiar – que para ele sempre existiriam nas sociedades humanas – que são a relação de consanguinidade, relação de aliança e relação de filiação ou, nas próprias palavras de Lévi-Strauss “relação entre germanos, relação entre cônjuges e relação entre pais e filhos”. Lévi-Strauss considera que a estrutura estabelecida nessas relações apontadas permite satisfazer uma tripla condição, segundo o princípio da maior economia. Mas, o autor alerta que as relações existentes têm um caráter abstrato, exatamente como ocorre nas redes de oposições fonológicas.

Tendo em vista ainda a organização dos elementos que compõem as relações de parentesco, Lévi-Strauss explica que o sistema de parentesco não possui a mesma importância em todas as culturas. Porém, ele, o sistema, fornece às culturas todo o “princípio ativo” que regula as relações sociais, ou “a maior parte delas”. Lévi-Strauss ao afirmar que o sistema de parentesco é uma linguagem – porém não é uma linguagem universal – questiona, a partir da visão dos sociólogos: “o sistema é sistemático? O antropólogo, embora afirme que essa pergunta seja absurda à primeira vista, ela seria absurda só se fosse feita tendo como alvo à língua. Sendo assim, Lévi-Strauss, como os linguistas estruturalistas, estabelece que a língua, igualmente ou diferentemente a outras linguagens, é sistemática, pois considera a língua um sistema

de significado por excelência. Para o autor, ela não pode “não significar e toda a sua existência está na significação”. Contudo, Lévi-Strauss alerta que o sistema, intrinsecamente relacionado à língua, deve ser examinado com rigor à medida que o foco de análise for se afastando da língua e abarcando outros sistemas, “que possuem igualmente a intenção de significar, mas cujo valor de significação permanece parcial, fragmentário ou subjetivo, como a organização social, a arte etc”. Vemos, portanto, que Lévi-Strauss reafirma a cautela que deve ser feita ao tentar relacionar sistemas tão precisos como a língua e outros sistemas socioculturais.

No capítulo **Linguística e Antropologia**¹⁰, texto produzido a partir de uma conferência de Lévi-Strauss em um congresso onde se reuniam antropólogos e linguistas, o autor afirma que, talvez, seja a primeira vez que linguistas e antropólogos se reúnem para discutir suas áreas de atuação (p. 79).

Assim, de início, Lévi-Strauss elabora três problematizações importantes referentes a uma possível relação entre a Linguística e a Antropologia:

- **Primeira problematização:** Lévi-Strauss questiona se, para estudar uma cultura, é necessário o conhecimento da língua. Em que medida e até que ponto? Inversamente, conhecimento da língua implica o da cultura, ou pelo menos de alguns de seus aspectos? (p. 79);

- **Segunda problematização – a relação entre Linguagem e cultura:** Lévi-Strauss explica que deve haver uma discussão em outro nível, em que a questão já não é a da relação entre uma língua e uma cultura, mas a da relação entre linguagem e cultura em geral. (p. 79). Como foi feito de maneira parcial nos capítulos A análise estrutural em Linguística e Antropologia e Linguagem e Sociedade, o autor já chamou a atenção no tocante a olhar para língua e linguagem distintamente.

- **Terceira problematização:** Lévi-Strauss afirma que existe mais um terceiro grupo de questões que não recebeu atenção importante: a relação entre as ciências Linguística e Antropologia. O autor questiona como explicar a desigualdade de tratamento entre as duas ciências. Além disso, para Lévi-Strauss, o problema das relações entre linguagem e cultura é um dos mais complicados que existem. A

¹⁰ Traduzido e adaptado do original em inglês *Conference of Anthropologists and Linguists* (Bloomington, Indiana, 1952), publicado em *Supplement do International Journal of American Linguistics*, a partir de uma transcrição da gravação em fita magnética. Lévi-Strauss 1953a.

linguagem pode ser tratada como *produto* de uma cultura: uma língua usada por uma sociedade reflete a cultura geral da população. Mas, num outro sentido, a linguagem e uma *parte* da cultura, constitui um de seus elementos, entre outros. Lembremos a celebre definição de Tylor, para quem a cultura e um conjunto complexo que compreende instrumentos, instituições, crenças, costumes e, evidentemente, língua. (p. 80)

Após essas três questões gerais, Lévi-Strauss aponta problemas que são do âmbito da Linguística ou da Antropologia ou de ambas as disciplinas ou de mais disciplinas, já que para ele, não é possível ver um objeto de análise apenas por uma área do conhecimento humano: como lidar com as várias questões, apontadas pela linguista Mary Haas, sobre o bilinguismo? É possível fazer uma discussão sobre os problemas levantados pela Linguística e Antropologia sem ter uma visão dos objetos de pesquisa dessas duas ciências? Ou seja, Lévi-Strauss questiona a possibilidade da Linguística e da Antropologia dialogarem sem estabelecer “como protagonistas apenas” a língua, de um lado, e a cultura de outro. Em segundo lugar, o autor afirma que o diálogo entre linguistas e antropólogos se estabeleceu entre dois protagonistas apenas, de um lado a língua, do outro, a cultura. Ou, também, é problemático, segundo o autor, analisar as diversas nuances entre língua e cultura desenvolvendo, para isso, uma ideia de causalidade: a língua exerceria influência sobre a cultura ou, ao contrário, a cultura sobre a língua? Sendo assim, Lévi-Strauss conclui que língua e cultura são duas modalidades paralelas de uma atividade mais fundamental: “refiro-me aqui ao hóspede sempre presente entre nós, embora ninguém tenha pensado em convidá-lo para nossos debates, o espírito humano.” (p. 83).

No tocante à inter-relação direta entre linguagem e cultura, Lévi-Strauss abordou dois problemas: a crítica à análise de Benjamin Whorf sobre a grupo Hopi. Para Lévi-Strauss, a insistência em analisar esse grupo por meio de uma proposta binária é ruim. Além disso, ao estudar dois prefixos para indicar o sexo feminino na língua falada pelo povo Oneida, de Wiscosin, Lounsbury não teria observado as diferenças maiores entre os gêneros possíveis no povo. Sendo assim, Lévi-Strauss conclui que, no caso do povo Oneida, e, também, entre os Hopi, as atitudes sociais não estão no mesmo nível dos elementos linguísticos (p. 83-84).

Lévi-Strauss explica que, no caso dos Iroqueses, o uso de alguns elementos linguísticos parece não ser uma mera coincidência. Entre essa população, existe uma dicotomia própria ao gênero feminino, onde, nesse grupo, o direito materno é extremamente importante. Na língua falada por essa sociedade, há diferentes marcas morfológicas (afixos) para diferenciar a categoria de gênero. Para Lévi-Strauss, a língua fazer essa interpretação, em uma sociedade onde as relações de gênero, sobretudo a ideia de feminino, não é homogênea, não pode ser resultado de uma mera coincidência:

Uma sociedade que, ao contrário de quase todas as outras, reconhece plenas capacidades as mulheres, teria, em compensação, de assimilar uma fração de suas mulheres – as muito jovens, ainda incapazes de desempenhar seu papel – a animais, e não a seres humanos. Porém, ao propor essa interpretação, não postulo uma correlação entre linguagem e atitudes, e sim entre expressões homogêneas, já formalizadas, da estrutura linguística e da estrutura social. (p. 84)

Da citação acima, podemos refletir que Lévi-Strauss, por estar em um congresso de antropologia e de Linguística, insere questionamentos importantes para as duas ciências. Até, porque, o gênero do discurso conferência tem a peculiaridade de lançar, sobre a plateia, reflexões. Desse modo, o autor, embora perceba uma questão em aberto nos estudos linguísticos e antropológicos, não faz afirmações que levem a possíveis certezas da inter-relação entre linguagem/língua e aspectos culturais na questão supracitada. Além disso, Lévi-Strauss questiona se, tais formalizações – ou seja, propor regras para a análise dos aspectos culturais dos iroqueses – poderiam ser transpostas para o terreno linguístico. Segundo ele, não é possível. No entanto, o autor afirma que a Antropologia se utiliza de um método muito próximo da Linguística, ao propor regras formais de análise de aspectos culturais: ambas tratam de organizar unidades constitutivas em sistemas, porém, segundo ele, seria inútil tentar levar mais além o paralelo, buscando, por exemplo, correlações entre a estrutura das atitudes e o sistema dos fonemas, ou a sintaxe da língua do grupo em questão. Como última reflexão, Lévi-Strauss afirma que se a correspondência entre a língua e a cultura fosse absoluta, os linguistas e os antropólogos já se teriam dado conta disso, e não “estaríamos” aqui para debater:

“Minha hipótese de trabalho reivindica, portanto, uma posição intermediária: certas correlações podem provavelmente ser extraídas entre determinados aspectos e em determinados níveis, e cabe a nós descobrir quais são esses aspectos e onde estão esses níveis. Antropólogos e linguistas podem colaborar nessa tarefa. Mas a principal beneficiária de nossas eventuais descobertas não serão nem a antropologia nem a linguística tal como as concebemos atualmente. Essas descobertas serão proveitosas para uma ciência ao mesmo tempo muito antiga e muito nova, uma *antropologia* entendida no sentido mais amplo, isto é, um conhecimento do homem associando diversos métodos e diversas disciplinas, e que um dia irá nos revelar as forças secretas que movem esse hóspede presente em nossos debates sem ter sido convidado, o espírito humano.

Últimas considerações

Neste trabalho, propomos fazer uma descrição e análise gerais e preliminares de alguns conceitos propostos ao longo do desenvolvimento da Antropologia. Além disso, de alguma forma, fizemos uma comparação entre o pensamento antropológico particularista/empirista ao nos remetermos a autores como Franz Boas, Edward Sapir, Edward Tylor, Alfred Kroeber entre outros. Com intuito de refletir sobre uma linha teórica que se seguisse um direcionamento contrário das propostas dos autores mencionados, optou-se por fazer uma reflexão da seção Linguagem e Sociedade do livro *Antropologia Estrutural* de Claude Lévi-Strauss. Diferentemente dos autores particularistas/empiristas, Lévi-Strauss propõe analisar as relações sociais por meio de modelos formais que tivessem como objetivo compreender as regras estruturais subjacentes às relações sociais. Para tanto, o antropólogo, para o desenvolvimento do seu arcabouço teórico-metodológico, foi influenciado pela Linguística, sobretudo, pela Fonologia. Além dessa inter-relação direta entre Antropologia e Linguística, Lévi-Strauss fez vários questionamentos importantes sobre as questões “em aberto” deixadas pelas duas ciências.

Referências:

BOAS, Franz. “As limitações do método comparativo da Antropologia”, *Os métodos da Etnologia* e “Os objetivos da pesquisa antropológica”. In: Castro, C. (org.) *Antropologia Cultural*. RJ: Jorge Zahar, 2004: pp. 25-52;87-109.

KROEBER, Alfred & KLUCKHOHN, Clyde. "The Nature of Culture". In: Culture. A critical review of concepts and definitions. Massachusetts: The Peabody Museum, 1952:pp. 83-94.

HYMES, Dell. "The use of Anthropology: critical, political, personal. In: Hymes, D. (Ed.). Reinventing anthropology. New York, Vintage Books, 1974:pp. 3-79.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural I. RJ: Tempo Brasileiro, 1970:85-100;313-360.

MALINOWSKI, Bronislaw. "Introdução", "III.Características essenciais do Kula", "XIX.O Kula interior" e "XXII.O significado do Kula". Em: Malinowski, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. SP: Abril Cultural, 1984:17-34;71-86;335-344;365-372.

MORGAN, Lewis H. Systems of consanguinity and affinity of the human family. Oosterhout: Anthropological Publications, 1970 (Prefácio, parte I, Caps. 1 e 2): pp.V-IX; 3-15.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. "Preface", "The Social Organization". Em: Radcliffe-Brown, A. R. The Andaman Islanders. The Free Press of Glencoe, 1964:1-87.

RIVERS. "O método genealógico na pesquisa antropológica". Em: Oliveira, R. C. (org.). A Antropologia de Rivers. Campinas: Unicamp, 1991:PP.155-178.

SAPIR, Edward. "Culture, Genuine and Spurious". In: Mandelbaum, D. G. (Ed.). Selected Papers of Edward Sapir in Language, Culture and Personality. University of California Press, Berkeley, 1985:pp. 308-331. (Tradução em português)

TYLOR, Edward B. "A ciência da cultura". Em: Castro, C. (org.) Evolucionismo Cultural. Textos deMorgan, Tylor e Frazer. RJ: Zahar Editor, 2005: pp. 67-100.

POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE A ANTROPOLOGIA LÉVI-STRAUSSIANA E A LINGUÍSTICA ESTRUTURALISTA

Resumo: De maneira geral e simplista, é possível observar duas posturas nas ciências sociais, mais precisamente na Antropologia, no tocante à universalidade dos elementos culturais: de um lado, um grupo de estudiosos adeptos do particularismo/empirismo e, do outro lado, estudiosos que compreendem a cultura de acordo com a proposta universalista. Na tentativa de não incorrer em uma análise simplista da produção antropológica nos últimos anos, este trabalho objetivou refletir sobre a relação entre alguns estudos teóricos produzidos pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss e a Linguística de base estruturalista para, fundamentalmente, observar como esta última influenciou a produção lévi-straussiana. Diferentemente dos autores particularistas/empiristas, Lévi-Strauss propõe analisar as relações sociais por meio de modelos formais que tivessem como objetivo compreender as regras estruturais subjacentes às relações sociais. Para tanto, o antropólogo, desenvolveu um arcabouço teórico-metodológico influenciado pela Linguística Estruturalista da Escola de Praga, sobretudo, pela fonologia desenvolvida pelo linguista Nikolai Troubetzkoy. Além desta inter-relação direta entre Antropologia e Linguística, Lévi-Strauss fez vários apontamentos importantes sobre as questões "em

aberto" deixadas pelas duas áreas científicas.

Palavras-chave: Claude Lévi-Strauss, Antropologia, Linguística estrutural, relações.

POSSIBLE RELATIONS BETWEEN THE LÉVI-STRAUSS' ANTHROPOLOGY AND THE STRUCTURALIST LINGUISTIC

Abstract: In a general and simple way it is possible to observe two postures in the social sciences, more precisely in Anthropology, in relation to the universality of the cultural elements: on one hand, a group of researches adept to particularism/empiricism; on the other hand, researchers understand culture according to a universalist proposal. In the attempt of not committing a simplistic analysis of the anthropological production in the last years, this paper aims at reflecting upon the relation between a few theoretical studies produced by the Anthropologist Claude Lévi-Strauss and the Structuralist linguistic, so that, fundamentally, to observe how the latter influenced Claude Lévi-Strauss' production. Differently from particularism/empiricism, Lévi-Strauss proposes to analyze the social relations through formal models that would have as aim to understand the structural rules implied in the social relations. In order to do so, the anthropologist developed a theoretical and methodological framework influenced by Structuralist Linguistic of the Prague School, above all, by Phonology developed by the linguist Nikolai Troubetzkoy. Besides this straight inter-relation between Anthropology and Linguistic, Lévi-Strauss raised several important questions about unanswered issues left by the two scientific areas.

Key words: Claude Lévi-Strauss, Anthropology, Structural Linguist, relations.

POSIBLES RELACIONES ENTRE ANTROPOLOGÍA DE LÉVI-STRAUSS Y LA LINGÜÍSTICA ESTRUCTURALISTA

Resumen: De manera general y sencilla, es posible observarse dos situaciones en las ciencias sociales, más específicamente en la Antropología, con respecto a la universalidad de los aspectos culturales: de un lado, un grupo de estudiosos partidarios del particularismo/empirismo y, del otro, estudiosos que comprenden la cultura de acuerdo con la propuesta universalista. En el intento de no incurrir en un análisis sencillo de la producción antropológica en los últimos años, este trabajo tuvo como objeto reflejar respecto a la relación entre algunos estudios teóricos producidos por el antropólogo Claude Lévi-Strauss y la Lingüística basada en el estructuralismo para, fundamentalmente, percibir como esta última influyó la producción del dicho antropólogo. Diferentemente de los autores particularistas/empiristas, Lévi-Strauss propone analizar las relaciones sociales a través de los arquetipos formales que tuvieron como objeto comprender las reglas estructurales bajo las relaciones sociales. Para eso, el antropólogo, desarrolló un guión teórico-metodológico influido por la Lingüística Estructuralista de la Escuela de Praga, especialmente, por la fonología desarrollada por el lingüista Nikolai Troubetzkoy. Además de esta interrelación directa entre Antropología y Lingüística, Lévi-Strauss hizo varios apuntes importantes respecto a las cuestiones "abiertas" dejadas por las dos áreas científicas.

Palabras clave: Claude Lévi-Strauss, Antropología, Lingüística estructural, relaciones.

Submetido em Março de 2017

Aprovado em Abril de 2017